

QUEM SÃO AS “VACAS DE BASÃ”?

(Who are the “Cows of Bashan”?)

*Cássio Murilo Dias da Silva**

Am 4,1 é um texto relativamente famoso: o profeta chama de “vacas” alguns personagens da sociedade de seu tempo. Todavia, Amós não diz explicitamente quem mereceu tal título e nem o que fez para merecê-lo. Além disso, Am 4,1 usa uma linguagem figurada (parabólica?), o que dificulta ainda mais uma identificação clara.

Para responder à pergunta que dá título a este artigo, é necessário levar em consideração três pontos:

- a) o apelido “vacas de Basã”;
- b) a fórmula *’adonêhem*, normalmente traduzido por “os seus senhores”;
- c) a frase “traz e beberemos” (ou “traz para que bebamos”).

1. Vacas de Basã

O território de Basã, a leste do Mar da Galileia, é um planalto fértil, no qual a agricultura e a pecuária encontram condições perfeitas que lhe garantem a fama de produzir bons rebanhos (Sl 22,12) e boa madeira (Is 2,13; Ez 27,6).

O apelido “vacas de Basã” é usado em Am 4,1. A maioria dos exegetas acredita que a alcunha “vacas de Basã” seja dirigida às matronas da Samaria, que estariam pedindo a seus maridos (os poderosos da capital) que trou-

*Artigo submetido a avaliação no dia 26/11/2009 e aprovado para publicação no dia 04/12/2009.

xessem a elas algo para beber. A dificuldade nesta interpretação é explicar a alternância entre as formas masculinas e as formas femininas usadas nos vv. 1-3. Trata-se, com efeito, de um detalhe que se perde na convencional tradução “os seus senhores”, uma vez que o possessivo “seus” vale tanto para o masculino como para o feminino.

A seguir, uma tradução na qual um (m) ou um (f) superscritos indicam se, no hebraico, determinada palavra está no masculino ou no feminino:

Ouvi^(m) esta palavra,
vacas^(f) de Basã,
que estais no monte de Samaria,
as que oprimem^(f) os pobres,
as que esmagam^(f) os necessitados
as que dizem^(f) a seus^(m) senhores:
“Traz^(m) e beberemos!”.

Essa alternância masculino-feminino levou um grupo mais reduzido de estudiosos a ver em “vacas de Basã” uma crítica aos israelitas em geral¹, ou mesmo aos homens². As formas femininas seriam, então, uma paródia ou um insulto àqueles a quem o discurso é dirigido. Os defensores desta interpretação baseiam seus argumentos no contexto literário de Am 3-4, no imperativo masculino plural “*ouvi*”, na alternância masculino-feminino, nas outras ocorrências das palavras “vaca” e “Basã”, e no inusitado uso de ‘*adôn* (“senhor”) para dizer “marido”³.

Em outras palavras, interpretar “vacas de Basã” como uma alusão às imponentes senhoras de Samaria implica admitir a necessidade de corrigir o texto e de encontrar soluções para resolver os problemas da gramática e da sintaxe (corrigir as formas masculinas para femininas, explicar a alternância como resultado de um trabalho editorial, considerar o plural masculino como referência a sujeitos e a objetos masculinos e femininos). Além disso,

¹ H.D. BARSTAD, *The Religious Polemics of Amos*, Leiden: Brill, 1984, 40, 47; A. NEHER, *Amos. Contribution a l'Étude du Prophétisme* = Bibliothèque d'Histoire de la Philosophie, Paris: J. Vrin, 1981^{2r}, 83. Nesta mesma linha, F.I. ANDERSEN / D.N. FREEDMAN, *Amos* = The Anchor Bible n° 24A, New York: Doubleday, 1989, 420-421; B.K. SMITH / F.S. PAGE, *Amos, Obadiah, Jonah* = The New American Commentary n° 19B, Nashville: Broadman & Holman, 1995, 84, e outros, são do parecer que a ambiguidade é proposital.

² H. SIMIAN-YOFRE, *Amos* = I Libri Biblici — Primo Testamento n° 15, Milano: Paoline, 2002, 78; P. BOVATI / R. MEYNET, *Il libro del profeta Amos* = Retorica Biblica n° 2, Roma: Dehoniana, 1995, 141.

³ Um resumo das propostas encontra-se em K. MÖLLER, *A Prophet in Debate* = Journal for the Study of the Old Testament — Supplement Series n° 372, Sheffield: Continuum / Sheffield, 2003, 254-255.

torna quase automático interpretar *'adôn* como “marido”. Mas, como se verá a seguir, tal significado vai contra o sentido geral do termo na Bíblia Hebraica.

2. Os senhores/maridos “deles”?

Há duas sérias dificuldades para interpretar *'adôn* como “marido”: esta leitura (a) exige mudar o sufixo masculino para um feminino; (b) vai contra o sentido geral de *'adôn* na Bíblia Hebraica.

Masculino ou feminino?

Quem defende a primeira interpretação dada a “vacas de Basã” – um apelido para as matronas de Samaria – normalmente opta por modificar o sufixo *-hem* (terceira pessoa do masculino plural) para *-hen* (terceira pessoa do feminino plural), que, por sua vez, deve ser lido como *-ken* (segunda pessoa feminino plural). Ou seja, a expressão “os senhores/maridos deles” deve ser corrigida para “os senhores/maridos delas” que, por sua vez, equivale a “os vossos senhores/maridos” (!). Com tais emendas, que harmonizam o objeto com o sujeito de “dizem”, o texto é assim compreendido: as mulheres dão uma ordem aos seus “maridos” (assim é traduzido *'adôn* [“senhor”]). O imperativo singular “traz” pode ser explicado como distributivo: cada uma delas diz a seu “marido”. Outra explicação possível é que o termo “senhores” se refere a homens ricos, cada um deles com mais de uma mulher.

Poder-se-ia manter a tradução “senhores deles” e afirmar que as mulheres dão ordens, não a seus maridos, mas diretamente às autoridades superiores a eles. Neste caso, a referência aos maridos seria dada pelo sufixo masculino *-hem* (“deles”). Isso, todavia, implica supor que no texto subjaz um segundo termo para os maridos, o que não é nada seguro.

Singular ou plural?

Na Bíblia Hebraica, a fórmula *'adonêhem* ocorre outras onze vezes (Gn 40,1; Ex 26,21; 36,26; Jz 3,25; 2Sm 10,3; 1Rs 12,27; 2Rs 6,22-23; Ne 3,5; Sl 123,2; Jr 27,4; Sf 1,9). Todavia, só em Jr 27,4 deve ser lida no plural: “os senhores deles”. Em todas as outras dez ocorrências, trata-se do singular: “o senhor deles”.

Apesar disso, Am 4,1 é sempre traduzido e interpretado com o plural: “os senhores/maridos deles”. Mais ainda, essa habitual tradução no plural parece não ser justificada. Antes, parece ser condicionada pelas formas

plurais dos substantivos e participios verbais do v. 1, não obstante o imperativo singular “traz”.

Na verdade, não há nada que impeça de ler *’adonêhem* no singular – “o seu (deles) senhor/marido” –, o que torna desnecessário explicar “traz” como um imperativo distributivo, dirigido a cada um dos senhores/maridos⁴.

Senhor ou marido?

Na Bíblia Hebraica, o único texto em que *’adôn* assume o significado de “marido” é Gn 18,12. Dois outros textos possíveis falam de mulheres que são concubinas, e não esposas: Jz 19,26-27 e Sl 45,12.

Ainda em chave antropológica, *’adôn* (“senhor”) é um título aplicado também aos reis (Gn 40,1; 2Rs 10,2.3.6). Por essa razão, e mantendo o sufixo masculino *-hem* (“deles”), também foi proposto ler o hebraico *la’adonêhem* de Am 4,1 como “aos senhores deles”, isto é, não aos maridos, e sim às autoridades políticas, que comandam o grupo designado pelo apelativo “vacas”⁵.

Outros estudiosos, porém, abandonam a chave antropológica e interpretam *’adôn* em chave teológica, isto é, traduzem o termo por “senhor” e o consideram uma referência a divindades pagãs⁶, ou, mais precisamente, ao bezerro de JAVÉ na Samaria⁷, independente de o apelido “vacas de Basã” referir-se somente às mulheres ou incluir também os homens. Em Am 4,1-3, como também nos subseqüentes vv. 4-5, o pano de fundo passa a ser, portanto, a polêmica anti-idolátrica.

De fato, o termo *’adôn* (“senhor”) retorna no início do v. 2, desta vez, porém, na costumeira formulação “o Senhor JAVÉ”⁸. Ainda que o sufixo de primeira pessoa em *’adonay* (literalmente: “meu Senhor”) tenha se tornado parte usual do termo, o sentido original do apelativo pode ser revocado graças ao sufixo de terceira pessoa masculino plural de *’adonêhem* (“o

⁴ E. HAMMERSHAIMB, *The Book of Amos*, Oxford: Basil Blackwell, 1970, 76; S. PAUL, *Amos* = Hermeneia, Minneapolis: Fortress, 1991, 129; H.W. WOLFF, *Joel and Amos* = Hermeneia, Philadelphia: Fortress, 1977, 203. Cf. também ANDERSEN / FREEDMAN, *Amos*, 422, que muito timidamente sugerem a possibilidade de *’adonê* “referir-se a um só ‘senhor’”, embora prefiram a postura tradicional e traduzam “os seus senhores”.

⁵ SIMIAN-YOFRE, *Amos*, 78.

⁶ Assim BARSTAD, *Religious*, 40, 47; ANDERSEN / FREEDMAN, *Amos*, 422; NEHER, *Amos*, 83; retomado por R. VUILLEUMIER-BESSARD, *La tradition cultuelle d’Israël dans la prophétie d’Amos et d’Osée* = Cahiers Théologiques n° 45, Neuchâtel: Delachaux & Niestlé, 1960, 43.

⁷ K. KOCH, *The Prophets: Volume One — The Assyrian Period*, Philadelphia: Fortress, 1983, 46; retomado por P.F. JACOBS, “Cows of Bashan.” A Note on the Interpretation of Amos 4:1”, *Journal of Biblical Literature* 105 (1985) 110.

⁸ Vinte e uma vezes em Amós (1,8; 3,7.8.11.13; 4,2.5; 5,3; 6,8; 7,1.2.42x.5.6.; 8,1.3.9.11; 9,5.8). Sozinho, o termo *’adonay* (“senhor”) ocorre quatro vezes: 5,16; 7,7.8; 9,1.

senhor *deles*"). Em outras palavras, o texto estabelece um confronto entre o "meu Senhor" do profeta (JAVÉ) e o senhor das vacas de Basã (bezerro que está em Betel e, possivelmente, em Samaria).

3. Traz e beberemos

O sentido de "e beberemos" é pouco discutido. Geralmente, considera-se que as "vacas" peçam a seus "senhores" que tragam vinho, e alguns comentadores veem aqui uma referência a banquetes⁹. Todavia, o texto não fala de *mishteh* ("festa, banquete") e a ideia de que seja vinho o objeto subentendido no imperativo "traz, faz vir" é uma leitura baseada na opressão que as "vacas" exercem sobre os pobres.

O verbo "beber" é usado seis vezes em Amós. Em quatro delas (2,8; 5,11; 6,6; 9,14) o objeto é explicitamente "vinho". Em 4,8, o objeto de "beber" é "água". Em 4,1, porém, não é dito qual bebida deve ser trazida para ser consumida. Nada impede que, também nesse versículo, seja simplesmente água, como no v. 8. Essa interpretação torna pungente o contraste entre o v. 1 e os vv. 7-8: as "vacas de Basã" pedem que "os seus senhores" tragam o que beber, enquanto JAVÉ subtrai as chuvas e, assim, obriga a população a vagar de uma cidade a outra para beber água.

4. Concluindo: as vacas e a chuva

Am 4,1-3 está encaixado entre a crítica à monarquia (3,9-15) e a crítica ao culto em Betel e Guilgal (4,4-5). Não é fácil decidir se 4,1-3 está mais ligado a 3,9-15 ou a 4,4-5. Tal ambiguidade talvez seja intencional: os primeiros versículos do capítulo 4 formam uma dobradiça, para passar da crítica político-social à crítica religiosa e, ao mesmo tempo, recordam que justiça e ortodoxia de culto são duas faces da mesma moeda.

A discussão acerca do significado da fórmula "os senhores deles", em Am 4,1, revelou que o texto não fala somente de mulheres, mas também de homens. O termo "senhor" deve ser lido em chave teológica, isto é, como um apelativo da divindade ou a uma sua representação. E isso explica porque Amós utiliza o apelido "vacas".

Usado de modo análogo ao termo *'egelah* ("novilha") de Os 10,5, o termo *parôt* ("vacas") é uma alusão ao bezerro de Betel/Samaria. Isso não significa afirmar que a população em geral pratica "a bestial sensualidade do

⁹ HAMMERSHAIMB, *Amos*, 65; cf. M.A. SWEENEY, *The Twelve Prophets — Volume One* = Berit Olam, Collegeville: Liturgical, 2000, 225. Segundo W.R. HARPER, *Amos and Hosea*, Edinburgh: T. & T. Clark, 1979, 86, trata-se de festas orgiásticas.

culto a Baal”¹⁰, e muito menos que as mulheres “se imaginam como imitadoras/participantes da parceira feminina de JAVÉ, o touro de Samaria”¹¹. Trata-se, isso sim, de uma metáfora do tipo *abusio*: uma linguagem extravagante que infunde causticidade à crítica aberta. Além disso, tanto em Amós (*parôt* — “vacas”) como em Oseias (*‘egelah* — “novilha”), a forma feminina é desdenhosa.

A dificuldade para ver em “vacas de Basã” uma alusão ao bezerro de Betel/Samaria decorre do fato de Amós, diversamente de Oseias, jamais falar na “novilha” de Bet-Áven. Uma dificuldade adicional é o fato de se tratar de uma referência velada e única em todo o livro. No entanto, há de se notar a fundamental diferença entre o escárnio feito em Os 10,5 e o encontrado em Am 4,1: Oseias despreza diretamente o “novilho”, Amós ridiculariza quem o cultua.

Em Betel e Samaria, o bezerro representa o poder fecundador de JAVÉ, que garante a regularidade das chuvas. Sem elas não há o que beber. Por isso, a construção “traz e beberemos”, lida como uma hendíadis – “traze-nos o que beber”, “traze-nos algo para beber” –, pode ser interpretada como um modo de ordenar que ele faça chover.

Em resumo, o v. 1 liga a crítica social à crítica religiosa: as “vacas de Basã” oprimem os pobres e pensam manter JAVÉ domado como um bezerro em Betel/Samaria, um bezerro ao qual ordenam “traze (a chuva) para que tenhamos o que beber”.

Cássio Murilo Dias da Silva, presbítero da Diocese de Jundiaí, SP, é doutor em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico, de Roma, com a tese intitulada “*Colui che manda la pioggia sulla faccia della terra*” (2005). Publicou as seguintes obras: *Aquele que manda a chuva sobre a face da terra*, São Paulo: Loyola, 2006; *Leia a Bíblia como literatura*, São Paulo: Loyola 2007; e *Metodologia de exegese bíblica*, São Paulo: Paulinas, 2010 (3ª reimpressão).

e-mail: cassiomu@gmail.com

¹⁰ NEHER, *Amos*, 83.

¹¹ JACOBS, “Cows”, 110.